



Testemunhos de Género, Mulheres no Ensino Superior

Judite Zamith-Cruz

Resumo:

Que percursos de formação me foram importantes ou decisivos? Essa foi a única “instrução” para a criação de narrativa escrita.

Pessoas que narrem e reflitam nas suas *raízes* poderão ir *mais adiante*? Talvez sejam os primeiros anos o *horizonte* para *eixos* de vida *com sentido* (Perec, 1975). Quando «não sei como chamar a esta história» (Duras, 1994), terá ela significado?

Doze professoras universitárias participaram com relatos escritos para curso em Histórias de Vida mas, na investigação por amostragem *intencional* e *variacional* - *Grounded Theory*, a amostragem é de categorias (não de pessoas), maximizando a *descoberta de diferenças*, a nível *dimensional* ou a nível de *categorias opostas* (Strauss & Corbin, 1990).

O primeiro objetivo da presente investigação da linguagem em contexto é procurar “regularidades” nas vidas das docentes, por análise estrutural de categorias/códigos do discurso, texto ou narrativa.

A reconfiguração de textos por *Grounded Theory* (investigação), é contrastante com o Método de Histórias de Vida (formação), dirigido à compreensão do significado de textos, ações e interações (Tesch, 1990). Tivemos a intenção de estabelecer nexos entre conhecimentos metodológicos e domínios teóricos da psicologia interpessoal e memória social no feminino.

Partilhamos o que no século passado aprendemos, nem sempre “bem” e precisamos de desaprender.

1. INTRODUÇÃO

- «Escrevera no quadro o título da composição: ‘A minha casa’. (...)
- *Minha senhora, posso falar no meu gato?» (...)*
- *Obrigada, minha senhora... Corou (...)*
- *Minha senhora, escusa de ser muito grande, não é?» (Araújo, 1962, p. 68).*

O tempo é subjetivo e o que possa parecer para uma criança “demorado”, porque é difícil escrever, nem sempre se verifica em adultas. O tempo não flui de modo idêntico ao longo da vida.

Em tais circunstâncias ingratas, quando se narre o passado, tem-se memória de episódios, ocorrências, experiências de incidentes, contingências, atividades reais e curiosas fantasias: «*Minha senhora, posso falar [na composição sobre a minha casa] no meu gato?*»

Na presente investigação por *Grounded Theory* (Strauss, 1987; Strauss & Corbin, 1990, 1994, 1997; Zamith-Cruz, 1997), apresentam-se amostras de elites na população portuguesa adulta, sobre as suas infâncias. Os conceitos chave evidenciam-se para a perda precoce de pais, a ausência de irmãos, além de abandonos, desamparos, negligências e desarrimos vários.

Há momentos que escapam assim a efeitos e a prescrições sociais e familiares, dentro das normas. Afastam-se da tradição também, das consequências antecipadas para os momentos comuns e para o que “deva ser”. Recontam-se esses momentos de inovação/viragem, ou seja, as “crises” acidentais que todos sofremos na vida. Foram recordados tempos de solidão e de (res)socialização de mulheres. As professoras elucidaram experiências tanto como emoções, percepções, recordações, desejos, fantasias ou pensamentos comuns ou extraordinários: educação *feminina* (in)formal, relação com colegas que *cheiravam a peixe*, consenso nos grupos, *convivência* com uma ou outra figura de referência...

Categorias *in vivo*, na *Grounded Theory*, são as palavras retiradas das palavras textuais das narradoras e colocadas em itálico (*cheiravam a peixe*) ou entre aspas, quando sejam extensas: «Que percursos de formação me foram importantes ou decisivos? Foi o mar, o sol, o vento e a liberdade de uma infância em que aprendi a viver comigo e a gostar de mim?» (Ana)

A “formação” de Ana (n. 1942) foi alinhada a espaços da Granja (localidade perto do Porto) e à infância, mais do que a pessoas e a idade maior?

A análise repousa na abordagem biográfica por método de formação prévia (sem intenção de investigação). A expressão Histórias de Vida utiliza-se de forma mais comum, embora “abordagem biográfica” (ou relato escrito, narrativa ou texto) seja mais genérica.

As Histórias de Vida que se interpretam/analisa são de quatro mulheres, entre as quais Ana. São relatos escritos de tipo *contextualizado*, em que o espaço é tão central, quanto a pessoa singular, na medida em que o contexto geográfico e histórico *ilumina* a compreensão (ou elimina lacunas de compreensão), com dados de outras biografias cruzadas, numa análise transversal, ou seja, horizontal (Pais, 2005, p. 17). Nas biografias, acentuam-se e colocam-se à análise fundamentada (*grounded*) aspetos convergentes e divergentes no grupo de estudo.

Também as Histórias de Vida são formas de *hermenêutica*, de acordo com a tipologia de utilização de biografias proposta por Giovanni Levi (1989, pp. 1329-1333), em atenção à posição interpretativa de quem leia a biografia, com maior autonomia da perspetiva da intérprete relativamente a quem a escreveu.

Por procedimento de formação, portanto, as Histórias de Vida decorreram por diálogo e troca de textos escritos, sendo a criação dessas Histórias de Vida (Josso, 1988, 1991, 1992, 2000, 2002; Smith, 1994; Poirier et al., 1995; Nóvoa, 1988; Zamith-Cruz, 1997), anterior à investigadora as analisar, problematizar e sintetizar, por outro método - *Grounded Theory*.

2. UMA ABORDAGEM QUALITATIVA A MODOS DE VIDA PASSADA

O primeiro método de formação, que foi em Histórias de Vida, implicou procedimentos estipulados pela socióloga suíça Christine Josso, quando fizemos formação prolongada por 120 horas e espaçada no tempo: (1) o relato de episódios na relação dual (narrador/narratário) e gravação áudio de diálogos; (2) a transcrição pelo relator/narrador do seu registo; (3) a análise presencial das narrações trocadas nos pares e no grupo de formação; (4) a síntese de textos pela formadora, com base em metáforas e associações do «eu» a elementos figurativos, imagens, filmes e outras produções textuais culturais.

Das doze professoras do ensino superior que participaram, com relatos escritos, foram escolhidos os textos de quatro das docentes, para o conhecimento das infâncias e para a análise (*Grounded Theory*) das suas formas precoces em lidarem com a orfandade real ou mental (em ausência de irmãos e pares).

Na investigação qualitativa, por amostragem *intencional* (teorética) e *variacional - Grounded Theory*, que é aproximado da hermenêutica filosófica, maximiza-se a *descoberta de diferenças*, a nível *dimensional* (infância passada *versus* adultez presente; formação *versus* hetero-formação...) e a nível de *categorias opostas* (género feminino-masculino; eu-colegas que *cheiravam a peixe*...). Essas são orientações de análise de Strauss e Corbin (1990), para um de vários fenómenos em estudo: a memória episódica e o tempo narrativo. Portanto, quando se reforça a ideia de trabalhar a memória episódica (como na experiência pessoal) destaca-se a perspectiva de Tulving (1983), quando defendeu ser essa a via de acesso à subjetividade, em detrimento da memória semântica (de factos e de eventos), mais comum em relatos “externos”. Por conseguinte, inquirimos a experiência quotidiana de mulheres em meia idade, sabendo que seja essa base mnésica à “consciência (auto)cognitiva” e à identidade, em sentido subjetivo.

Na *Grounded Theory* observam-se momentos de inovação/viragem e as “regularidades” no quotidiano, o que não esconde discontinuidades, no salientar do incomum, no inesperado ou no conflitual para o indivíduo. Uma regularidade é todos os textos serem de mulheres idosas que foram raparigas “bem vestidas” na escola, destacadas intelectuais, oriundas de famílias em que ficaram atentas, por vários motivos, a condição de segregação social. Por conseguinte, faz-se sobressair, sobreleva-se, o determinante estrutural socioeconómico de origem.

Nasci... uma vila industrial do Ribatejo, numa família da média burguesia... a minha mãe... acamada... por causa de uma flebite... entregou-me à Romana que viveu na nossa casa durante longos meses ... fiz os três primeiros anos do ensino primário com lições em casa.... (M.C., n. 1937).

Maria da Conceição (n. 1937) é um nome em que não se recorreu a pseudonímia, ou seja, não se pretendeu não revelar (ou revelar) a sua identidade. Como outras, não pediu o anonimato. Fez a introdução supracitada à biografia. É formada em educação, numa das primeiras Escolas Particulares de Formação de Educadores de Infância em Portugal.

Ao longo do texto optou-se por utilizar um ou os dois primeiros nomes das participantes. Segue-se, por ordem de apresentação, depois de Ana (n. 1942), uma jurista da extinta Comissão da Condição Feminina, Maria da Conceição. Adiante é referida Maria Antónia (n. 1955), uma enfermeira e professora de obstetrícia e Maria (n. 1944), licenciada em matemática

Um caso particular, foi a ânsia de viver de uma das participantes, que se tornou urgente depois de falecimento de familiares ou de mudança de contexto de vida.

Por conseguinte, as bases dos extratos de textos são registos que são vivências subjetivas/experiências significativas, ao longo da infância, em que a narrativa possibilita um entendimento de eventos que são repensados, pelo próprio ato de recontar um passado português.

A memória para aquele tempo desconhecido foi-nos desperta, anteriormente, após a leitura de “bicho-coração” (Hertzler), no original de um livro - *A terra das ameixas verdes* (Muller, 2009), de Herta Müller (n. 1953), Nobel da Literatura em 2009. A linguagem transforma-nos, dito que seja a “personagem central” na arte da escritora, em que à biografia se acrescente obra literária. «O que vale a minha vida?» – perguntou Herda (Direitinho, 2012, p. 8). Uma História de Vida terá valor para a docente e servirá uma função de comunicação, em investigação do método biográfico? Não poderá denunciar um problema?

No método de «Estudo de Caso fundamentado», ou seja, por uma abordagem biográfica/Histórias de Vida (Baily, 1978, p. 273; Jones, 1983, p. 147), o “caso” é relativo a uma geração de elite, com a tónica na compreensão do significado de textos/ações (Tesch, 1990), para autobiografias em que existe uma posição fenomenológica, com a tónica na intencionalidade do ator. Na orientação comum às Ciências Sociais e

Humanas, em *Grounded Theory*, o conhecimento é antes observado como um ato dialógico de troca entre (sub)culturas: narradora e narratária. Nesse paradigma, «as ações humanas assemelham-se antes ao modo como um texto escrito se coloca ao leitor» (Tesch, 1990, p. 37). Por sua vez, Hubert Bonin (1985, pp. 182-183) foi quem designou de «prosopografia» a História de Vida entendida, como a pensamos, na «reconstituição dum grupo de biografias, para serem detetadas as características de um grupo social (ou profissional).»

Importa acentuar a dificuldade acrescida em *se contar* que é manifesta, quando um texto não tenha «um princípio, um meio e um fim» (Sarbin, 1986, p. 3), ou quando seja relida a vida como uma série ou coleção de *flashes* e de *retratos instantâneos* a que falte o enredo, com interrupções e hiatos entre “experiências narrativas”. Com o desejo de limar o que possa parecer incompreensível, a pessoa incapaz de estabelecer nexos, relata experiências “mal estruturadas”. A narrativa afigura-se insólita. Maria Antónia, ao terminar a sua narrativa escrita, frisou-o, no sentido de incongruência, nos seguintes termos colocados:

Tenho a sensação que escrevi uma história sem pés nem cabeça, um rosário de flashes e sinto necessidade de acrescentar umas ‘coisas soltas’ que são, contudo, essenciais para mim e sustenta o meu percurso... As pessoas... Os sítios... Acreditar... A crença em algo que me transcende e que torna possível a vida e a morte ganharem sentido. (M.A., n. 1955)

No registo supracitado existe uma interpretação: a busca de sentido em Deus.

Quando pensemos nos registos de autoria das que nasceram nos anos 39 a 55, do século passado, elevado é o seu nível *poético* e de *literariedade*. Viveram a infância no tempo anterior à Revolução de Abril de 1974. Podem perguntar-se o que fizeram os seus pais e avós, no tempo de ditadura, o que as pode ter tornado “outras pessoas”, mediante ação e reflexão.

3.CATEGORIA “DESTINO”: UMA CRENÇA DETERMINANTE E FICCIONAL

Introduziram-se, sem que fosse antecipado, concepções de destino e de dependência de mãe, de destino *trágico*, de destino *rocambolésco*, mas também de autoimposta mudança no entendimento da “condição feminina”.

Uma das narradoras esclareceu o que é “destino”. Anteriormente a frisar uma série de eventos nefastos, elucidava, na situação de formação, ser a vida feita de «acasos, situações imprevisíveis, que *nunca* se podem controlar». Acrescentaria que chegue a nos mudar o que seja *irreversível*, no que valorizava as alterações na vida face às situações estacionárias. A senhora concluiu com o que é titulado de “moral da história”: a sua inexperiência e a ampliação de pontos de vida dada por alterações e sofrimentos vários.

Na categoria criada - *destino* - auscultou-se, *in locus*, tanto a concepção religiosa, como o ponto de vista exterior (dos outros), o casual e inesperado. Na via da interioridade, o destino foi antes autoimposto à identidade do “eu”. Na formação, concluiu-se que a exterioridade é dada quando *nos forçam* ou nos *impõem um caminho*.

Além de ser acusado o determinismo de contingências da família, a educação contribui, como pensou Jean-Paul Sartre (n.1905-m.1980), para «o que se fez com o que outros de nós fizeram»: tornar Ana (n. 1942) e Maria Antónia (n. 1955) *infelizes*, por regras apertadas e com imposições de adultos. Mas Maria da Conceição (n. 1937) nem se “queixaria” de ter *aulas em casa*, nem de ter sido separada pelos pais, aos 9 anos. O tempo mudava as mentalidades.

Por seu lado, Ana teve uma infância em que assumiu *ter aprendido*, como foi dito, na interrogativa, «...a viver comigo e a gostar de mim?» Com a mãe, foi uma solitária na *revolta* e na *insubmissão*. A própria Ana foi mais longe na rutura de papéis: «Contar os olhares dos homens que me quiseram a seu modo – e a força para ser eu.» Foi uma solidária que conviveu com adultas e adultos, sem ter tido irmãos e pares - «Já

que não há homens nesta geração...» Na escola, Ana conviveu dia a dia, por «esforço para que as minhas tranças bem apertadas, os meus vestidos limpos e as merendas esmeradas não quebrassem a solidariedade conquistada com as meninas que cheiravam a peixe, ou tinham pais alcoólicos.»

Assim colocado, no modo internalizado, a narração de A. retratou o destino mas é invertido, quando falhe a prescrição de “feminilidade”. Já que «não há homens nesta geração» [de A.], pode ter seguido o trilho do avô e do pai, nos valores sociais e humanos, «no contexto católico burguês da minha casa»:

O acolhimento caloroso era dispensado aos amigos: havia o primo ‘republicano’ [no tempo de Estado Novo] que por uns dias vivia escondido na cave, os amigos ingleses anglicanos, os estudantes que o avô ‘ajudou a formar’ [dando-lhes dinheiro para os estudos], a procissão interminável de vizinhos com que se trocavam receitas, visitas, injeções, apoios. A bofetada que meu pai me deu, (a única da minha adolescência) com a força dos seus setenta e muitos quilos, recorda-me que o único pecado naquela casa era não respeitar uma pessoa, mesmo que fosse uma “criada”.

Os valores sociais colocam-se. Mas o futuro assim imposto, a partir de dentro vivido, é conflitual com papéis de género. A vida pode dar a volta, pois, se Ana *era castigada* [pela rejeição da regra da casa], pelo mesmo motivo de castigo, Ana *era respeitada*. Teria realizado algo bem feito. Foi sempre uma *revoltada*, por trazer à cena o lado impróprio na sua época e cultura: «teimosa e independente como um rapaz.» *Faria o que queria*, no final do “mal feito”. «Andava de bicicleta, de patins, nadava e trepava às rochas na praia...». Ana nunca conseguia «bordar a matriz e a *ponto de sombra*», como a avó lho ensinava. Estudou em área “pouco feminina”, como a entendia ao seu tempo: Direito, em Coimbra, «para promover a justiça, para defender os oprimidos?» Tal ato impróprio consumaria, segundo escreveu, «um risco (moral).»

Portanto, Ana sugeriu uma genealogia feminina e outra genealogia masculina, bem demarcadas. Ana foi *gerada em amor* (como Maria), para dizer que a sua gravidez foi desejada e muito esperada. Poderia ter sido uma gravidez inviável, a atender a idade avançada do pai. Da condição de afeto tomado por garantido, então, Ana do *amor* e do *dever* partiu, na sua entrega a outras: «... [aprendi] o peso, a responsabilidade – doce e amarga, pesada e desafiadora – do amor [da avó, da mãe...]». Com a avó, além de bordados, Ana «dobrava intermináveis meadas [de lã para fazer camisolas] ou descascava favas [para a refeição] ...» Faria «esforço para lhe ir provando - [à avó] - o contrário» – a mulher pode realizar outras atividades [além das ligadas, no passado, a género feminino] e a mulher não é inevitavelmente *infeliz*.

Nos dizeres da avó, «a mulher é infeliz até no vestir da saia». E a vida da *senhora Maria* [empregada de Ana], diariamente, *a cuidar dos pintos*? E o “ensino da amizade” que aprendeu por sua madrinha, que se fez na *convivência* entre ambas: enquanto a madrinha lhe «costurava roupas para as bonecas», também encobria as suas *asneiras* e Ana lhe contava segredos.

O significado destacado no extrato de texto, para Ana a propor antes sair do seu reconto? «O *contar-se* das mulheres, mais do que comigo, aprendi-o com outras ao longo dos anos.»

Outra história-caso em que a questão de género se coloca é a de Maria, cujo espaço seria confinado, entre a casa e o quintal, enquanto o irmão brincava com os rapazes na rua da aldeia: «garantindo-me espaço para a imaginação nas noites escuras e para as correrias e brincadeiras durante os dias.» No quintal, ali mesmo, *saboreava* a infância «ao ver crescer e tratar dos campos e dos bichos.» Outro lado seu, bem visível, é o lado externo, mas de quem conte de ouvir contar. *Constou-lhe* ter o sucedido decorrido como o refere, não o podendo afirmar *com segurança*. Pelo lado *trágico* anunciado por si, Maria recontou como a mãe e o seu segundo irmão de 2 anos faleceram. Ela não se poderia lembrar aos 17 meses. A ocorrência decorreu porque o pai foi colocado a trabalhar como conservador de registo civil, perto do Porto, quando vivia no Centro do país. O casal terá decidido mudar de residência, levando consigo os 3 filhos e uma *criada*. Embora fosse comum a deslocação ser efetuada de automóvel, tal eventualidade só não aconteceu, também porque a mãe estaria grávida do quinto filho. De volta a casa de avós paternos, saíram do

comboio em Alfarelos, aguardando que o carro de família os esperasse. Tal não aconteceu. Houve um atraso do automóvel.

Esses são fatores antecedentes causais ao acidente, na análise axial, por *Grounded Theory*. Era agosto de 1945, a Segunda Grande Guerra levava a rendição. O traumatismo, propriamente dita - ação - segue-se em relato com toda a precisão: O pai foi ver se o carro não estaria mais longe da estação, *esperançoso* de que tal acontecesse. Já teria chegado. A mãe pegou no filho mais novo, de 2 anos, por uma mão, e no filho mais velho, por outra mão. Foi procurar o marido que tardava em voltar. Teve que atravessar para o outro lado da linha dos caminhos de ferro. Naquele preciso momento um comboio de mercadorias apareceu. Dão-se as consequências negativas, utilizado o tempo verbal no presente e não no passado: A mãe morre naquele instante, o irmão mais novo morre no dia seguinte, ainda que fosse *transportado de corrida* para uma casa de saúde em Coimbra. O irmão mais velho salva-se, *sem uma beliscadura*, mesmo ficando por baixo do comboio. Uma sorte improvável. O desfecho marca outra condição de sorte. Outra sorte a sua. Também se salvou, porque ficou no colo da *criada*.

Contra o esperado, Maria é levada a afirmar ser *feliz* em infância, mas até «que irrompe a brutal série de acontecimentos [subsequentes], que vêm alterar radicalmente a normalidade da minha vida».

No segundo tempo-momento, são três as adversidades: com 9 anos, em finais de maio, o primeiro decorre em dia de Corpo de Deus. Nessa data memorável, o irmão de 13 anos adocece com gripe. Depois é-lhe diagnosticada febre de malta ou talvez leucemia. Vem a falecer dia 7 de setembro de 1953 e ela, *como sempre*, está presente. Foi *muito perturbador*, para si, em *toda a vida*.

De novo, podemos considerar o terceiro acontecimento perturbador. Nos seus antecedentes casais. O pai estava ausente por questão profissional, quando o filho mais velho faleceu. Teve um *abalo* tal, que o deixaria de cama, com *médico à cabeceira*. O desenlace fatal dá-se, quando decide regressar a casa, vindo de Monção. Ele sentiu-se mal. Teve que parar no Porto, onde morre, de forma *quase fulminante* e longe de si, após 3 meses passados da morte do irmão, num domingo, em dezembro, em que era dia 13. Sofreu uma angina de peito. Em Coimbra, a má notícia chegava de tarde, quando duas senhoras, incumbidas de transmitir o sucedido, visitam a sua tia avó, sendo ainda chegadas à família.

A interpretação de Maria é tem um mau presságio confirmado, escutando o diálogo das adultas. Forte e corajosa, aos 9 anos, sentiu o imperativo de amparar a tia avó, se bem que *a aflição* fosse *enorme*. Conseguiram deslocar-se de Coimbra para a Carapinheira - morada de férias, antiga casa dos avós paternos - onde, no dia seguinte, chegou o corpo do pai. O irmão tinha 13 anos e o pai morreu em dia 13. O significado das duas mortes foi modificar-se, definitivamente: «A minha vida, o meu olhar sobre a vida começava a ser outro. Tinha deixado para trás a criança que tinha sido até então.» A infância termina ali. No texto, além de ser acusado o determinismo de contingências da família (produto de estratificação social e inadaptação), introduz-se a categoria *destino trágico*, anunciado e repetido. Maria assumiu a condição de que «desde que tenho consciência [memória] de mim, me encontrei com o dado que era a ausência de minha mãe.» Depois da morte do pai, a questão económica foi pertinente na sobrevivência: «os direitos de transmissão a pagar, a organização das receitas da casa agrícola para garantir as minhas despesas.»

O exemplar de texto seguinte vai ao encontro, de novo, de relato de eventos traumáticos, descritos e interpretados por Maria. A vida pode trazer infelicidade.

É noutro contexto de viragem, que Maria Antónia forçaria o relato do sucedido no preâmbulo à narrativa: «aos 6 meses... deu-se o primeiro episódio rocambolesco da minha vida – «a ama morre (...) o noivo [da irmã mais velha do pai] morre...». O pai *ofereceu-a* à tia, a viver na aldeia perto de Viseu, só voltando aos 5 anos para junto dos pais, em Lisboa. A mãe que era órfã de mãe, de ascendência *pobre* e *sem afeto* bastante, passou a dar-lhe-ia *coisas* e *faria coisas* (toda a vida), no intuito de a ajudar. No parto do filho, Maria Antónia terá dito na sua dependência passiva: «Quero a minha mãe, não fico aqui sem a minha mãe...». Conotou o seu destino de peripécias, enredado como o de *Rocambole*, personagem principal de Ponson de Terrail, precocemente traçado.

Outro esclarecimento do seu *destino* designado de passivo: a mãe lhe dar «o pequeno-almoço à boca e na cama até aos 12 anos». Maria Antónia ficou a viver com a mãe, 9 meses após a morte do pai, quando casou aos 21 anos. No parto do filho, Maria Antónia terá dito a profissionais de saúde, por sua dependência passiva: «Quero a minha mãe, não fico aqui [no local de parto] sem a minha mãe...».

Por último, o quarto relato. Foi a infância de Maria Conceição a instalar em si mesma *a segurança e a confiança*. Depois, aos 9 anos, como foi dito, deixou a sua pequena terra e perdeu laços e lugares: «passei a viver em Lisboa com a minha avó materna e com o meu irmão mais velho que, nessa altura, iniciou os seus estudos na Faculdade de Direito, depois de sete anos de internato num Colégio de Jesuítas.» Como aconteceu a Maria, também deixou a casa familiar, para seguir o percurso do irmão, que entrava em outra escola. Compreende-se que Maria Conceição tivesse *memória de si mesma*, o que se designa por consciência, após uma forte *desvinculação* dos seus mais próximos e chegados familiares. Com a orfandade, real ou mental, perde-se o *apego seguro* (Bowlby, 1979) – a segurança, a confiança, a estabilidade e o cuidado. À desproteção sentida por muitos, opõe-se consigo uma forma de *superproteção*. Com o *traumatismo* que provocou nos pais a morte da irmã mais velha de Maria Conceição, num *ambiente social que nos envolvia*, foi *superprotegida*, condição tida por si como exagerada, distinta dos seus 3 irmãos, todos rapazes.

4. DISCUSSÃO FINAL

As biografias cruzadas, em um dado espaço-tempo histórico, esclarecem e articulam os *destinos particulares*, ou seja, como o evidenciou Jacques Verger (1985, p. 79), retratam «as escolhas pessoais de liberdade concreta, sobre um conjunto de constrangimentos... tanto mentais como materiais – impostos pela época e pelo meio.» Foram as Histórias de Vida a darem-nos um quadro histórico mais amplo do que a micro-história, no estilo de biografia única e linear, do nascimento à morte (p. 79). As mulheres que deram os seus testemunhos sofreram contingências físicas, psicológicas e sociais e de liberdade de expressão conquistada. Poderiam ter-se refugiado na tradição, mas apostaram na inovação profissional e na renovação de mentalidades, assumiram desafios/mudanças em respostas individuais e coletivas religiosas. O singular torna-se assim um conjunto de *rostos*, na micro-história profissional.

Não obstante a riqueza do método de Histórias de Vida, por teoria e método de *Grounded Theory*, as narrativas foram codificadas em momentos charneira, segundo a dimensão #1 – a viragem dos destinos - para a mudança na vida. Por um lado, as quatro docentes colocaram-se em questão epistemológica: «quem sabe de mim?» No domínio ontológico, como foi dito, elas abalaram as suas coerências ideológicas incutidas, o sentido de congruência, de se sentirem consistentes. Nas suas orientações face a outros, viveram a questão de raiz: «o que é *sabido* do futuro devir?»

Por hétero-formação contínua, terão realizado psicanálise “clássica”, psicoterapia, curso em Histórias de Vida, além de formação para os cargos ocupados no sistema de ensino superior (pós-graduações, mestrados, doutoramentos). Decorre dessas situações ter sido marcado o impacto/mudança possível, em relação a ocorrências conflituais passadas, decorrentes de estudos psicossociais não convencionais, levando-nos a criar uma dimensão #2 – a hétero-formação (experiência existencial/formativa).

E ainda que os dados (textos) nem sempre coincidam com factos históricos, refletir neles ao desaprender e reaprender é recriar a imaginação criativa, o que assenta no projeto existencial de hoje agirmos, mas sem neutralizarmos o que foi feito. O tempo cíclico não flui de forma idêntica para todos mas, como o acentuou Gilles Deleuze (1985), brota de forma emergente no futuro, nos seguintes termos, alternativos ao acento no passado:

«O que consuma a imagem-cristal é a operação mais fundamental do tempo: uma vez que o passado não se constitui depois do presente que o passado foi, mas ao mesmo tempo, é preciso que o tempo se desdobre a cada instante em presente e passado, diferindo um e outro na sua natureza, o que dá no mesmo, desdobra-se o presente em

duas direções heterogêneas das quais uma se lança para o futuro e a outra cai no passado. É preciso que o tempo se cinda em dois jatos dissimétricos, um dos quais deixa passar todo o presente e outro conserva todo o passado. O tempo consiste nessa cisão - é ela [a cisão], é ele [o tempo] que se vê no cristal» (Deleuze, 1985, pp. 108-109)

Com a metáfora do “cristal de tempo”, pretende-se sintetizar, que o tempo é cisão e bifurcação e se desdobra a cada instante – presente e passado, das quais uma dimensão só vai adiante.

Tal não quer dizer que a empatia venha a definhir, com a distância de alguém, com o passado, quando haja uma experiência comum, invariavelmente. O passado tornado em memória, não impede de se avançar noutros percursos de experiência alternativa.

Experiências alternativas passam por nem sempre nos conformamos, em reação a um meio adverso, político, social, familiar ou académico.

Além de poder ser acusado o determinismo de contingências da família (produto de estratificação social e inadaptação), Maria, nascida em 1944, chegou a pensar que nasceu única, no sentido de um tempo ímpar, conotado auspicioso (na sua sobrevivência a toda a família) ou revelado “trágico” (na perda precoce dos seus): «estávamos então em fevereiro de 1944! Era terça-feira de Carnaval, dia das partidas. Uma partida que preguei aos outros ou uma partida que a vida me pregou?» (*incipit*) A segunda guerra mundial em pano de fundo não lhe serviria de referência local mas, na boca de cena, Maria colocou o Carnaval e a “brincadeira” das mentiras.

Maria e Maria Antónia foram as duas participantes, que se disseram *condicionada* por fatores extrínsecos/externos, para o destino educado e escolhido.

Entre outros motivos, além da imaginação, a memória continua a ser fonte de desconfiança. Embora denuncie o tempo e o seu ecoar, possui algo de incompletude ao materializar-se a “realidade” na linguagem. Nesse sentido, *o que dizemos* é encarado como *a pátria*, que nem chega a ser a nossa *língua* (Semprúm, 1995). Agiremos pois hoje bem mais, mas sem neutralizarmos o que foi feito no país e por antecedentes familiares.

Vimos como se amplificam, nos relatos de experiências, outros possíveis significados de existir, para além da transmissão de crenças de papéis de género feminino, em que o destino se desdobra, no sentido divino e no sentido de liberdade. Nem sempre temos a incapacidade no controlo de eventos nefastos. Mas não será que as ocorrências se tornam “graves”, somente quando nelas pensemos?

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, M. R. (1962). *Praia nova – história simples*. Lisboa: Editora Lux.
- Baily, K. D. (1978). *Methods of social research*. N.Y.: The Free Press.
- Bonin, H. (1985). La biographie peut-elle jouer un rôle en histoire économique contemporaine? In *Actes du colloque Problèmes et Methods de la Biographie* (pp. 182-183). Sorbonne 3-4 mai 1985. Paris: Publ. Sorbonne/Histoire au Present.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock Publications.
- Deleuze, G. (1985). *Cinéma 2: L'image-temps*, Paris, Minit, 1985 (edição brasileira. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990).
- Direitinho, J. R. (2012). Sentir-se descalça no corpo todo. *Ipsilon*, suplemento do *Público*, Ano XXIII, nº 8201, de 21 de Setembro de 2012, 6-9.
- Duras, M. (1994). *Escrever*. Lisboa: Difel.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1997): *A escola na literatura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação.
- Jones, G. (1983). Life history methodology. In G. Morgan (Ed.), *Beyond method*. Beverly Hill, CA: Sage.
- Josso, Chr. (1988). Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In A. Nóvoa e M. Finger (Orgs.), *O método (auto)biográfico e a formação* (pp. 37-50). Lisboa: Ministério da Saúde.
- Josso, M-Ch. (1991). *Cheminer vers soi*. Paris et Lausanne: L'Age d'Homme
- Josso, M.-Chr. (1992). *Consignes pour le questionnement des récits*. Curso de Formação de docentes da Escola e Enfermagem de Francisco Gentil Martins - Lisboa.
- Josso, M.-Chr. (2000). (Dir.). *La formation au coeur des récits de vie: expériences et savoirs universitaires*. Paris: L'Harmattan.
- Josso, Chr. (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Editora Educa-Formação /Universidade de Lisboa, 2002.Educa-Formação.
- Levi, G. (1989). Les usages de la biographie. *Annales E.S.C.*, 44' année 44, novembre-décembre 1989, nº. 6, 1325-1336.
- Muller, H. (2009). *A terra das ameixas verdes*. Lisboa: Difel
- Nóvoa, A. (1988). A formação tem que passar por aqui: As histórias de vida no Projecto Prolasus. In A. Nóvoa & M. Finger (Orgs.), *O método (auto)biográfico e a formação* (pp. 107-130). Lisboa: Ministério da Saúde.
- Pais, J. M. (2005). *Traços e riscos de vida*. Porto : Ambar.
- Perec, G. (1975). *W ou le souvenir de l'enfance*. Paris: Denöel.
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Paybaut, P. (1995). *Histórias de vida*. Oeiras: Celta.
- Sarbin, T. R. (1986). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct*. N.Y.: Praeger.
- Semprúm, J. (1995). *A escrita ou a vida*. Porto: ASA.
- Smith, L.M. (1994). Biographical method. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 286-305). London: Sage.
- Strauss, A. (1987). *Qualitative analysis for social scientists*. N.Y.: Cambridge University Press.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1994). Grounded theory methodology: An overview. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 273-283). London: Sage.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1997). (Eds.). *Grounded Theory in practice*. London: Sage.
- Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis types & software tools*. Bristol: The Falmer Press.

Tulving, E. (1983). *Elements of episodic memory*. Oxford: Oxford Press.

Verger, J. (1985). Un essai de biographies croisées (Saint Bernard / Abélard) et ses enseignements. In *Actes du colloque Problèmes et Methods de la Biographie* (p. 79). Sorbonne 3-4 mai 1985. Paris: Publ. Sorbonne/Histoire au Present.

Zamith-Cruz, J. (1997). *Trajectórias criativas: O desenvolvimento humano na perspectiva da Psicologia Narrativa*. Tese de Doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.

Judite Zamith-Cruz

Judite Maria Zamith Cruz é doutorada em psicologia da educação, mestre em educação e mestre em filosofia - área de ciências cognitivas, tendo-se licenciado em psicologia clínica, pela Universidade Clássica de Lisboa. Atualmente desempenha funções docentes na Universidade do Minho, no curso de licenciatura em educação básica e nos mestrados de ensino. Realiza investigações qualitativas, com métodos de Investigação-Ação, Histórias de Vida, *Grounded Theory* e Análise de Discurso. Publica em domínios de análise textual e método biográfico (com docentes do ensino superior), na formação em educação sexual, nomeadamente em contexto residencial – Lares de Crianças e Jovens em Perigo e efetua, com estudantes, uma intervenção diagnóstica de perturbações e problemas, por meio de atividades narrativas e artísticas com crianças.